

DRAMATIZAÇÕES

Pela Prof.^a DORA GOUVÊA DE AZEVEDO

É com grande satisfação que venho ocupar as colunas desta Revista, para falar sobre o que tenho feito em uma das atividades das aulas de Educação Física, Jogos e Recreação.

Antes, porém, abusando da bondade dos prezados leitores, tomo a liberdade de fazer uma pequena introdução sobre o valor pedagógico das mesmas.



Devido à bondade do pescador, o "Peizinho Dourado", que era um Príncipe Encantado, fê-lo rico um dia. Deu-lhe soldados, damas de honra e um rico palácio.

As aulas de Educação Física, nos novos moldes hoje em prática, bem compreendidas e desempenhadas, levam a criança à aquisição de bons hábitos e portanto a um crescimento integral cada vez maior.

Bem planejadas, as tendências sociais se evoluem numa constante colaboração inteligente e fecunda e a criança torna-se um ente social, não por meio de regras estabelecidas, mas pela sua própria experiência na coletividade; do contrário, a vida em comum seria impossível.

Nas diferentes atividades—Jogos, Danças Regionais e Dramatizações de Historietas— a criança cria, age, diz e faz coisas que em época normal não diria nem faria. Assim, espontaneamente, se manifesta a sua verdadeira índole. A agressividade, o domínio, a timidez, o egoísmo, todos estes defeitos e característicos se revelam livremente. A mestra, conhecedora dos diversos temperamentos, aproveita a

oportunidade para atendê-las, dando a cada uma o que necessita para o seu desenvolvimento integral.

Como um guia consciencioso e colega mais experimentado, resolve os problemas de comportamento, corrige defeitos, incute bons hábitos. Encaminha as tímidas e medrosas para o grupo que age; às agressivas e egoístas faz ver que a outros também cabem direitos, que devem tomar os seus lugares no grupo e permitir que os demais façam o mesmo— tudo sem que o percebam, sob uma atmosfera de muita confiança e alegria.

As dramatizações, mais do que qualquer das outras atividades, devem ser consideradas um brinquedo e brinquedo feito pelas crianças, para que daí surja uma série de problemas a serem resolvidos por elas próprias. Nos jogos há regras; nas danças regionais, regras e ritmo; nas dramatizações somente a imaginação trabalha, do que resultam as situações mais naturais, integrando cada vez mais as crianças a uma interação.

As primeiras experiências realizadas por mim foram no ano p. p. na "Escola Soares Pereira" no 7.º Distrito.



Devido à sua ambição, a mulher do pescador foi castigada. Os "gênios do Bem" vieram buscar o que haviam dado.

Depois de ter, em casa, lido e escolhido algumas historietas, resolvi iniciar as Dramatizações.

Estreei com uma turma de Jardim de Infância. Após um jogo ativo, convidei os alunos a ouvirem uma história. Alegres, sentaram-se e sem esperar que a arumação fosse perfeita, iniciei a narrativa, conquistando logo o interesse de todos.

A história falava em uma menina de cachos de

ouro e em três ursos: um grande, o pai; um menor, a mãe; e um pequenino, o filho. As crianças escutaram atentamente e, ao terminar, pediram repetição da história, no que foram atendidos. Mais vezes ainda o teria feito, si, inexperiente, não estivesse eu preocupada com a idéa da dramatização.

Ao terminar, fiquei um pouco em dúvida: como levá-las a viver a história? A palavra *dramatização* seria sem sentido para elas... Convidei-as então assim: "Vamos brincar de Três Ursinhos?" -- "Vamos!" responderam quasi a uma voz. Foi uma surpresa agradabilíssima tal resposta; para mim, era uma novidade uma dramatização neste gênero. Tive um início bem animador.

Mas nem tudo podia ser ótimo da primeira vez; passei instantes bem difíceis no momento de distribuir os papéis, devido á falta de prática. Quando disse: "Quem quer ser a menina?" quasi toda a turma o quiz; muitos outros, imediatamente quizeram ser os ursos, antes mesmo de eu os consultar. Com dificuldade, foram destacados os intérpretes; os outros se encarregaram da arrumação; tudo serviu: mesas, bancos, vasos com flores, etc.

Viveram a história, de acôrdo com a capacidade infantil; não foi uma reprodução exata dos diálogos e frases miúdas, mas um trabalho de pura imaginação, por isso mesmo de real valor. Embora no caso, em alguns, pobreza imaginativa, não procurei intervir; deixei que cada criança desse a interpretação que pudesse, pois, do contrário, intimidaria e poderia criar complexos de inferioridade.

Pude observar e corrigir, tanto nestas, como nas outras subsequentes dramatizações, o egoísmo, a timidez, o domínio e até mesmo conjecturar o meio em que viviam as crianças.

Os "espectadores" acompanharam o desenrolar da "cena", manifestando todas as sensações e, quasi sempre, ao terminar, aplaudiam com entusiasmo.

De outra vez, tentei com um 1.º ano. Eu já estava mais orientada, pois comunicando, no Curso de Aperfeiçoamento, á nossa professora, D. Consuelo Pinheiro, e ás colegas, as miúdas dificuldades, alvitrou-se que em vez de perguntarmos: "Quem quer ser isto ou aquilo" disséssemos: "Quem pôde ser?" Isso deu ótimo resultado, pois, da segunda experiência em diante, já me foi mais facil começar.

Com a nova maneira de perguntar, os alunos mediram mais a responsabilidade do papel a assumir, de maneira que houve mais calma e poucos se apresentaram.

Na turma de 1.º ano, contei a mesma historia, num dia de chuva; repeti-a, a pedido. Contei outras mais também, a pedido e, ao terminar a aula, lhes disse que iríamos brincar dos Três Ursinhos na proxima vez. Alguns quizeram fazê-lo no mesmo instante, o que não foi possível devido á falta de tempo.

Dois dias depois, fazia sol, a aula ia ser de jogos, no campo. De chegada, alguns me perguntaram: "E' hoje, D. Dora, que vamos brincar de Três Ursinhos?" Não contava com a pergunta e, por isso mesmo, sem reflectir no poder de imaginação da criança, disse: "Mas aqui no campo?" -- "A gente finge que tem as cousas" disse um menino muito esperto -- Manuel Anibal. "Está bem muito" respondi-lhe. Quiz ver de que seriam capazes naquêlo ambiente completamente sem recursos materiais.

Surgiram logo mil idéas: apontaram um menino -- José Renato da Silva -- como sabendo desenhar muito bem e disseram que êle podia pintar uma casa grande no chão. Achei magnífica a idéa e me animei, satisfeita e curiosa. Perguntei então: "Quem pôde ser Cachinho de Ouro?" Apresentaram-se apenas umas três ou quatro meninas; escolheram uma por nome de Sarcia, alegando ser ela loura. Em seguida, perguntei: "Quem pôde ser o "urso grande" e o "urso pequeno"?

e o "ursinho"? Foi calma a escolha; êles mesmos destacaram para "urso grande" o desenhista, para "urso menor" o Manuel Anibal e, para "ursinho" o menor aluno da turma.

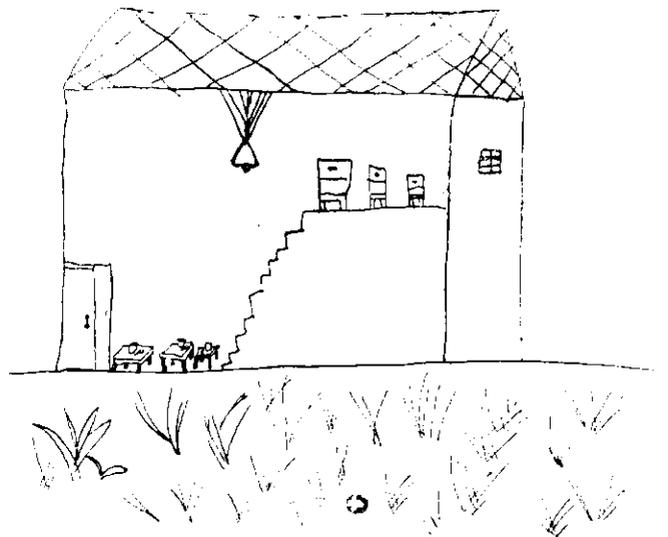
Eu e outros ficámos em volta da suposta casa que ocupava uma área de uns 4 m. q. Desenharam-na da seguinte maneira: uma sala com três mesas de tamanhos correspondentes aos dos ursinhos; um quarto, supostamente em andar superior, mobiliada com três camas também adaptada ao tamanho dos ursos. Os dois cômodos se comunicavam por meio de uma escada desenhada de perfil.

Dramatizaram como si realmente existisse tudo: abriram porta, provaram sopa, subiram escada; viveram a história e nada os perturbou. Ao terminar, mostrei-me satisfeita e pedi que desenhassem uma casa igual áquela num papel. No dia seguinte, alguns trouxeram desenhos bem interessantes que conservo até hoje, como reliquia.

Devido á falta de prática, em 1932, fiz poucas experiências; fiquei sem coragem de ir ás turmas mais adiantadas -- 4.º e 5.º anos.

Este ano, mais animada, já consegui dramatizações em várias classes, com ótimos resultados.

Depois de contadas as histórias, agi, em todas as turmas, de maneira idêntica á do ano p. p. Cheguei, entretanto, a uma conclusão: na escola onde me acho



atualmente -- 1.º Experimental -- creio que, devido á nova orientação pedagógica, as crianças são mais desembaraçadas, mais acostumadas a assumir responsabilidades, de maneira que, quando perguntei em todas as turmas: "Quem pôde ser isto ou aquilo?", os capazes foram em muito maior número. Tive então que lançar mão de outro recurso para a escolha. Separei os candidatos e fiz com que seus colegas os elegessem.

Foi um ambiente muito natural e de muita espontaneidade. Os eleitos são geralmente bem escolhidos e os outros colaboram sem o menor ressentimento; si um ou outro se manifesta contrário, assim mesmo no desenrolar da dramatização, se reúne ao grupo, como aconteceu com uma criança do 4.º ano -- Amelia. Não se conformou em não ter sido escolhida, mas a animação foi tanta, no desenrolar da cena, que ela logo se esqueceu do ressentimento e terminou cooperando alegremente.

As crianças possuem, em elevado grau, o senso de justiça, daí o cuidado que o mestre precisa pôr na resolução dos seus problemas. Mal resolvidos, matam o estímulo e trazem para si a perda da confiança dos seus discipulos.

"Fazer-se que a criança ouça histórias e viva os seus personagens dá azo a que a sua imaginação trabalhe ativamente, sem correr o risco de desviar-se para a invenção ou o devaneio".